

## A IDEIA DE PERCEPÇÃO NA *CARTA SOBRE OS CEGOS* DE DIDEROT

João Santos Pires Junior\*

---

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo, apresentar uma reflexão em torno da ideia da sensação e percepção, bem como sua importância para a construção e apreensão dos objetos reais a priori e posteriori de um cego de nascença, inclusive na sua formação de ideias e imaginação. Isso se dará mediante a análise da *Carta sobre os cegos para o uso dos que vêem* de Denis Diderot. Busca-se, a partir da análise, elencar a importância da sensação e percepção, tal como abordar o rompimento com o inatismo das ideias de Descartes e a proposta materialista de Diderot.

**Palavras-chave:** Sensação. Percepção. Ideia. Imaginação

---

67

### 1. INTRODUÇÃO

A *Carta sobre os cegos para o uso dos que vêem* foi escrita por Diderot, em 1749, obra de maturidade de um pensador que possuiu uma dialética bem elaborada capaz de desenvolver uma argumentação na base analítica da investigação. O texto apresenta um problema de interesse singular para a teoria empirista do conhecimento, muito em voga na época. A *Carta* expõe um ceticismo relativista, porém, mantém a razão do materialismo organicista constituído como traço primordial do pensamento de Diderot na filosofia do século XVIII. É uma obra contemporânea do materialismo francês onde anuncia a passagem da sensação ao juízo e contém a primeira exposição de uma cosmologia materialista, considerada como propulsora para essa forma de pensamento, a obra e o autor se situa no interior do movimento das "Luzes", e ficará mais evidente estas prerrogativas à medida em que

---

\* Graduando em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR) e pelo Instituto de Filosofia Nossa Senhora das Vitórias (IFNV). E-mail: joaosantospresjunior@gmail.com.

Diderot trabalha a relação do sujeito com o objeto e o objeto com o sujeito, principalmente, no que tange a implicidade a uma ideia de iluminação que envolve a cura do cego de nascença, que refere de certo modo uma passagem da escuridão para luz.

Situado no período de esplendor das ciências, das artes liberais e das artes mecânicas, em suma, em um grau de desenvolvimento intelectual e mental além de seu tempo, embasado nas abordagens filosóficas e fundamentado nas bases científicas da época, este notável filósofo empirista, apresenta a problemática da “cegueira congênita” auxiliado pelas ciências biológicas e exatas, almejando conseguir as respostas para seus questionamentos com relação a aquisição do conhecimento levantadas por Locke. De maneira sistemática, este filósofo francês expõe em seus escritos como as nossas ideias dependem dos nossos sentidos e conduz um estudo metódico sobre a origem do conhecimento e de que maneira a falta de um dos cinco sentidos modifica as noções adquiridas com relação aos conceitos de visão, moralidade e a existência de Deus, a partir de um exemplo concreto, experienciado por um cego congênito.

À vista disto, o presente artigo pretende analisar a obra de Denis Diderot *Carta sobre os cegos para o uso dos que vêem* para reflexionar a questão de como um cego congênito pode adquirir conhecimento após uma operação de cataratas, através destas questões-guias: ele poderá transferir para o domínio visual o conhecimento adquirido anteriormente pelo tato? A percepção do espaço é inata ou adquirida? Qual é a importância dos sentidos para a aquisição de conhecimento na filosofia de Diderot? O cego teria a partir disso a mesma moral dos videntes? É possível uma moral universal?

68

## 2. “COMO É QUE UM CEGO DE NASCENÇA FORMA IDEIAS DAS FIGURAS E DAS OUTRAS COISAS QUE O CERCAM” ?

Objeto primariamente epistemológico, esta questão ressalta um vasto campo para a investigação da aquisição e da representação do conhecimento principalmente no que concerne a problemática da sensação e da percepção, relações estas muito relevante na filosofia de Diderot. Um dos questionamentos pertinentes da filosofia de Diderot é a questão de: como é que um cego de nascença forma ideias das figuras? Para a seguinte questão afirma que:

[...] ele tem por experiência reiteradas do tato, a memória de sensações experimentadas em diferentes pontos: depende dele combinar essas sensações ou pontos, e formar com elas figuras [...] o cego de nascença refere-se tudo à extremidade dos dedos (DIDEROT, 2000, p. 104).

Segundo o autor, o cego do seu experimento tem a capacidade de formar, através do tato a noção dos objetos: “Nosso cego só tem conhecimento dos objetos pelo tato. Sabe, pelo relato dos outros homens, que por meio da vista se conhecem os objetos, assim como eles lhe são conhecidos pelo tato; ao menos é a única noção que pode formar deles” (DIDEROT, 2000, p. 98). Outra diferença entre o cego e o vidente, para além desta diferença entre utilização de órgãos diferentes para formar uma noção dos objetos refere-se ao fato de: “nós combinamos pontos coloridos; ele, de seu lado combina apenas pontos palpáveis ou para falar exatamente, apenas sensações do tato de que tem memória” (DIDEROT, 2000, p. 105). Desta forma Diderot tece seus argumentos afirmando que o cego de nascença não consegue imaginar pontos coloridos, pois segundo ele “[...] não passa nada em sua cabeça que seja análogo ao que passa na nossa: ele não imagina, pois, para imaginar é preciso colorir um fundo e destacar este fundo dos pontos, atribuindo-lhes uma cor diferente da do fundo” (DIDEROT, 2000 p. 104).

Diderot constata que o cego “embora dotado da mesma razão que os outros, sente de maneira diferente e que isso afeta suas concepções estéticas, morais e metafísicas”, partindo do ponto de vista da sua principal indagação gnosiológica, com Saunderson acrescenta:

Mas se a imaginação de um cego não é outra coisa senão a faculdade de lembrar-se e combinar sensações de pontos palpáveis, e a do homem que enxerga, a faculdade de lembrar-se e combinar pontos visíveis ou coloridos, segue-se que o cego de nascença percebe as coisas de maneira muito mais abstrata que nós. (GUINSBURG, 2000, p. 67).

Por conseguinte, Isabel Machado (2010, p. 11), comentando a referida carta, diz que, “Diderot afirma que a imaginação de um cego é a faculdade de recordar e combinar sensações de pontos palpáveis, e a do visual, a de recordar e combinar pontos visíveis e coloridos, e conclui que, o cego de nascença tem uma abstração maior que a nossa”, de fato, sua

afirmação se deve, segundo ela, ao contexto cultural da época: “no século XVII, raciocinar significava calcular, e Diderot, ao contrário de pensadores como Spinoza, Descartes e Pascal, que desconfiavam da imaginação, afirmava: o que faz com que homens sejam homens é a imaginação” (MACHADO, 2010, p. 4).

Para tanto, este problema levantado por Diderot a respeito da imaginação e sobre as cores, dá margem ao pensamento estético sobre o belo, que no texto *Espírito das luzes*, Guinsburg, afirma que “... o autor busca através da *Carta sobre os cegos*, conceder ao belo um caráter útil dependendo do dado sensorial, enquanto a estética uma base real, sem querer dissolvê-la no fluxo das sensações, querendo pois, conforme o autor, assegurar-lhe uma existência objetiva” (GUINSBURG, 2000, p. 87, grifos meus), “junto a essa ênfase no conhecimento das coisas, Diderot indicava que objetos existentes fora da mente participavam da realidade objetiva. A sabedoria reside, portanto, na tentativa de ligar a inteligência humana à realidade sensível” (WILSON 2012, p. 222), em virtude desta constatação referente a realidade sensível e da abstração do real a ideia das coisas Martins afirma que:

[...] Diderot lança o cego contra Descartes e sua teoria das ideias inatas. A diferença perceptiva existente entre o cego e os videntes revelará que as ideias que temos do verdadeiro, do belo e do bom não são nem inatas nem universais: esta é a lição que o leitor tirará pouco a pouco, se aceitar de bom grado acompanhar Diderot no labirinto em que o cego lhe serve de guia (MARTINS, 2017, p. 2).

Em vista disso, Diderot concede a ciência moderna uma resposta objetiva à questão dos objetos e sua percepção, pois conforme Wilson, o seu biógrafo, Diderot acreditava essencial ligar o entendimento à realidade exterior e acrescenta:

O entendimento tem seus preconceitos, os sentidos, suas incertezas, a memória, seus limites, a imaginação, seus vislumbres, os instrumentos, suas imperfeições. Os fenômenos são infinitos; as causas, ocultas; as formas, talvez transitórias. Contra tantos obstáculos que encontramos em nós, e que a natureza nos impõe de fora, temos apenas uma experiência lenta, uma reflexão limitada. Eis as alavancas com as quais a filosofia se propõe a mover o mundo (WILSON 2012, p. 223).

Em consonância com esta prerrogativa, Adell (2010) embasada no pensamento de Locke diz que:

[...] o indivíduo que não possui um dos sentidos nunca será capaz de adquirir as ideias pertinentes a ele; por exemplo, um cego de nascença nunca será capaz de entender a ideia de cores. Dentre as ideias que somos capazes de adquirir através da combinação de sentidos, encontramos espaço, repouso, movimento e forma, esta última constituindo a maior parte do problema de Molyneux (ADELL, 2010 p.18).

Por conseguinte, entramos no problema inicial e Martins (2017) auxilia na resposta à indagação de Diderot, sobre o questionamento em questão, apresentando a resposta para a mesma:

“Como é que um cego de nascença forma ideias das figuras?” (p. 105) e das outras coisas que o cercam. O cego constitui um exemplo privilegiado para demonstrar a gênese das ideias a partir de impressões sucessivas dos sentidos, pois o tato exige um contato imediato com o objeto. Para relacionar os objetos às palavras que os designam, o cego é forçado a constituir uma memória tátil e a tudo relacionar, com o tato: “o cego de nascença refere tudo à extremidade dos dedos” (p. 105) (MARTINS, 2017 p. 3).

O cego de nascença como o autor expõe “refere tudo à extremidade dos dedos” e a partir da abstração vai criando uma imagem tátil do objeto, por conseguinte, evidencia-se assim o que Diderot acrescenta quanto a imaginação e a ideia das cores pois, “... quanto mais vivas as cores do fundo e dos pontos, mais distintamente percebo os pontos e, no caso de uma figura de uma cor vizinha da do fundo, não me fatiga menos considerá-la na minha imaginação do que fora de mim, e sobre o tecido” (DIDEROT, 2000, p. 105) contudo a partir desta necessidade de tocar para abstrair as ideias surge conforme Martins (2017) “a oportunidade sonhada para contestar, ao mesmo tempo, o inatismo das ideias e a distinção da substância pensante em relação ao corpo” pois segundo ele a partir do pensamento de Diderot:

“Se alguma vez um filósofo cego e surdo de nascença fizer um homem à imitação do de Descartes, ouse assegurar-vos, senhora, que colocará a alma na ponta dos dedos” (p. 107). Logo, o cego é o contraexemplo que destrói o idealismo cartesiano pois, para pensar, ele precisa primeiro tocar: “... as sensações que houver apreendido pelo tato serão, por assim dizer, o molde de todas as suas ideias” (p. 107) (MARTINS, 2017, p. 4).

Assim, conforme Machado (2010):

Diderot assume muitos aspectos Lockeanos, como a vista, a audição, o olfato. Locke repetia o dito aristotélico: “Nada está no intelecto que não está primeiramente nos sentidos”, o que significa que tudo aquilo que vem através dos sentidos, é elaborado de forma própria por cada um, o que torna diversa a inteligência das coisas (MACHADO, 2010, p. 5).

Com isso entendemos a importância que Diderot concede aos sentidos no que se refere a aquisição do conhecimento, uma vez que segundo ele “o cego de nascença percebe as coisas de maneira muito mais abstrata que nós; e que, nas questões de pura especulação, está talvez menos sujeito a enganar-se” (DIDEROT, 2000, p. 107), em consonância com isso expõe:

O exemplo do ilustre cego prova que o tato pode tornar-se mais delicado que a vista, quando aperfeiçoado pelo exercício; pois, percorrendo com as mãos uma série de medalhas, ele discernia as verdadeiras das falsas, embora as últimas fossem tão bem contrafeitas a ponto de enganar um conhecedor dotado de bons olhos; ele julgava com exatidão de um instrumento de matemática passando a ponta dos dedos sobre suas divisões (DIDEROT, 2000, p. 118).

Sabendo, pois, como o cego de nascença adquire seu conhecimento, seria ele capaz de identificar e diferenciar, após uma cirurgia de cataratas, o que é uma esfera ou um cubo de mesmo tamanho, volume e material, sem auxílio do tato? Seria ele capaz de distinguir estes objetos apenas pela visão? Trataremos a seguir destas questões, uma vez que elas pressupõem uma radicação mudança de órgãos utilizados para conhecer, sem mudar o sujeito que faz destes diferentes órgãos.

### 3. A AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTO POR UM CEGO CONGÊNITO APÓS UMA CIRURGIA DE CATARATAS.

Tendo em vista as abordagens acima, a dificuldade levantada por Locke com relação ao problema de Molyneux, Diderot expõe uma brilhante solução do problema apresentado. Por conseguinte, podemos perguntar: como o cego recém-operado de cataratas relataria suas novas sensações? Seria ele capaz de distinguir os objetos até então experimentados pelo uso do tato?

Adell (2010), aborda o questionamento de Molyneux que foi enviada em forma de carta a Locke referente ao presente problema a qual deu origem a construção argumentativa de Diderot, citando Adell a questão de Molyneux:

[...] suponhamos então que o cubo e a esfera sejam postos em cima de uma mesa e que o cego passe a ver. Pergunta-se se por sua visão, antes de tocá-los, ele poderia agora distingui-los e dizer qual é o globo, qual é o cubo. A que o perspicaz e judicioso proponente responde: “Não. Pois embora tenha obtido experiência de como um globo, e como um cubo afeta seu tato, todavia ele ainda não alcançou a experiência de que o que lhe afeta dessa ou daquela maneira deve afetar-lhe a vista dessa ou daquela maneira, de que um ângulo protuberante em um cubo, que lhe pressionou a mão de forma desigual, aparecerá ao seu olho, tal como o faz no cubo” (ADELL, 2010, p. 25).

73

Segundo Adell (2010, p. 26), “[...] Locke concorda com Molyneux e que, em sua opinião, um cego de nascença, curado de sua cegueira, de início não será capaz de afirmar com certeza qual é a esfera e qual é o cubo, pois ainda não aprendeu a associar uma certa aparência do tato com a aparência da visão”. O argumento de Locke, citado textualmente pela autora, expõe as razões desta diferença. De modo geral Locke infere que haverá, de início, uma dificuldade natural entre a passagem de uma forma de aquisição e outra:

Eu não apenas concordo com a resposta oferecida do cavalheiro ao problema, como sou da opinião de que o homem cego que começa a enxergar não poderia, de início, dizer com certeza, pela mera visão, qual seria o globo, qual o cubo, mesmo sabendo nomeá-los inequivocadamente pelo tato e distingui-los

certamente pela diferença entre as figuras (LOCKE, 2012, Livro II, IX, § 8, p. 245).

Martins (2017, p. 5) acrescenta, “Locke e Molyneux julgam que o cego não será capaz de distinguir, apenas com a visão, a esfera do cubo. Condillac pensa que o cego saberá distinguir esses volumes, sem, todavia, estar certo de seu julgamento” e acrescenta:

1) Se o cego de nascença verá, tão logo esteja feita a operação de cataratas; 2) caso veja, se ele verá tão logo o suficiente para discernir as figuras; se estará em condições de lhes aplicar seguramente, ao vê-las, os mesmos nomes que lhes atribuía ao tocá-las; e se terá demonstração de que o referido nome lhes convém. O cego de nascença verá imediatamente após a cura do órgão? (DIDEROT, 2000, p.129).

Condillac ao fim de seu *Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos*, propõe uma objeção às experiências efetuadas por Cheselden, e relatadas por Voltaire, e segue:

Os efeitos da luz sobre um olho que é afetado pela primeira vez, e as condições requeridas da córnea, o cristalino etc... são aí expostos com muita nitidez e vigor, e quase não permitem duvidar que a visão não se faça mui imperfeitamente na criança que abre os olhos pela primeira vez, ou no cego ao qual se acaba de fazer a operação (DIDEROT, 2000, p. 130).

Com isso Condillac expõe que o cego de nascença não verá, tão logo esteja feita a operação de cataratas pois a incidência da luz nos olhos do cego impedirá que ele veja de imediato, pois não está acostumado com a luz na retina e terá dificuldade com a claridade que não experienciou em sua vida, e acrescenta:

Tão logo o cego de nascença desfruta da faculdade de servir-se dos olhos, toda cena que se lhe apresente em perspectiva virá pintar-se no fundo de seu olho. Esta imagem, composta de uma infinidade de objetos reunidos em pequeníssimo espaço não passa de um conglomerado confuso de figuras que ele não terá condições de distinguir uma das outras (DIDEROT, 2000, p. 129).



Todavia, Diderot com um certo pessimismo referente ao cego recém operado afirma que:

Despreparado, saindo de uma operação dolorosa, não poderia dizer muita coisa de proveitoso. E mesmo que longamente instruído seria preciso que os espíritos mais cultos e sutis se dispusessem a examiná-lo. Inquiridor e inquirido devem estar inteiramente aptos, um a perguntar e o outro a responder; em suma, como o primeiro, cumpre que o segundo seja “filósofo”. Dado a dificuldade de reunir essas condições, não será preferível interrogar cegos privilegiados por seu talento e saber? (GUINSBURG, 2000 , p. 67).

À vista disso tece sua argumentação indo de encontro com a teoria empirista e sensualista:

[...] como os empiristas, afirma que, “a primeira vez que os olhos do cego de nascença se abrirem, não perceberá coisa alguma”; com os sensualistas considera que “o seu olho precisará de algum tempo para experimentar”; mas é por si mesmo “que ele experimentará... sem o auxílio do tato, e que não somente as cores, mas a discernir pelo menos os limites grosseiros dos objetos” (GUINSBURG, 2000 p. 68).

75

Todavia o ato de enxergar em questão deve ser um exercício, pois conforme Adell (2010, p. 62) “como mostra o exemplo da criança, é necessário um certo tempo para adquirir a ideia de que os objetos existem de maneira permanente. Ou ainda, a experiência é necessária para se perceber os objetos” .

[...] sem a experiência, aquele que percebe objetos pela primeira vez deveria imaginar, quando se distanciam dele, ou ele dos objetos além do alcance de sua vista, que estes cessaram de existir; pois não há senão à experiência que realizamos com objetos permanentes e que reencontramos no mesmo lugar onde deixamos, que nos constate a sua existência contínua no distanciamento (DIDEROT, 2000, p. 129).

Compreende-se assim o que Diderot quis constatar, pois segundo ele, “cabe à experiência instruir-nos sobre as analogias que parecem ser pura instituição: em uma palavra, é indubitável que o tato não serve muito para

fornecer ao olho um conhecimento preciso da conformidade do objeto com a representação que este recebe dele” (p. 131). Para Diderot:

A primeira vez que os olhos do cego de nascença se abrirem à luz, ele não perceberá nada absolutamente; que será preciso algum tempo a seu olho para que se experimente: mas que este se experimentará por si próprio, e sem ajuda do tato; e que conseguirá não só distinguir as cores, mas discernir ao menos os limites grosseiros dos objetos (DIDEROT, 2000, p. 135).

O autor afirma que o cego recém operado experimentará por si só a presença dos objetos em questão, não de imediato. Partindo destas prerrogativas Machado afirma que:

Segundo Diderot, logo que o cego começa a utilizar os olhos, a imagem que se lhe apresenta, não passará de um “conglomerado confuso de figuras e ele não terá condições de distinguir umas das outras”, e conclui que, somente a experiência pode ensinar-lhe a julgar as distâncias dos objetos (MACHADO, 2005, p.12 ).

Porém, Adell (2010, p. 65), afirmará que, “o cego precisa de um certo tempo e uma certa prática para aprender a discernir, no meio de um caos luminoso que vai se imprimir na sua retina as formas e o contorno dos objetos” e continua a afirmar que “O olho precisa aprender a ver, pois as primeiras impressões confusas e enganosas não são precisamente nada” Adell (2010, p. 65). Por conseguinte, defende a ideia que, “os sentidos não têm nenhuma dependência essencial uns sobre os outros, ou ainda, não existe nenhuma dependência da visão com relação ao tato, e tampouco do tato com relação à visão” Adell (2010, p. 66).

À vista disso, Diderot afirma que:

Caso sejam pessoas grosseiras, sem educação, sem conhecimentos e não preparadas, penso que, quando a operação de cataratas houver destruído perfeitamente o vício do órgão, e quando o olho estiver são, os objetos se pintarão nele muito distintamente; mas, que essas pessoas não estando habituadas a nenhuma espécie de raciocínio, não sabendo o que é sensação, ideia; não estando em condições de comparar as representações que receberam pelo tato com as que lhe vêm pelos olhos, elas irão declarar: Eis um círculo, eis um quadrado, sem que se possa depositar confiança em seu julgamento; ou mesmo hão de convir

ingenuamente que nada percebem nos objetos que se lhes apresentem à vista, que se pareça com o que elas tocaram (DIDEROT, 2000, p. 135).

Para tanto, Diderot analisa esta questão e diz que, “as comparações das ideias que obtiveram pelo tato com as que receberam pela vista não se efetua nelas assaz distintamente a ponto de convencê-las da verdade de seus juízos” (p. 136). À vista disso, parafraseando Machado 2010, acrescenta elencando o pensamento de Diderot, “que devemos estar atentos às impressões que os objetos nos causam, pois, segundo Diderot, somente a experiência nos ensina a comparar as sensações, com o que as ocasiona”. Nesta fase de adaptação, o risco de confundir o aspecto externo é enorme e segundo Diderot:

Se é tanto mais difícil a um cego de nascença, que vê pela primeira vez, julgar bem os objetos conforme tenham um maior número de formas, quem o impediria de tomar um observador inteiramente vestido e móvel ou máquina, e uma árvore com as folhas e os ramos agitados pelo ar, por um ser que se move, animado e pensante? [...]. Há casos onde o raciocínio e a experiência dos outros podem esclarecer a vista acerca da relação do tato, e instituí-la que aquilo que é assim para o olho é assim também para o tato (DIDEROT, 2000, p. 138).

77

É notório a importância que Diderot dá aos órgãos sensoriais, busca a partir de uma dialética sistemática evidenciar seu aspecto empirista em relação a auto experimentação atribuído à vista e ao cérebro de forma a correlacionar as ideias e a percepção dos objetos na forma em que o apercebemos no intelecto.

O consenso geral sobre os testemunhos que os referidos órgãos nos apresentam, indicam que, a partir de um racionalismo *defroqué*, despido de sua metafísica a priorista e finalista, Diderot se dirige por via positiva a um materialismo organicista (GUINSBURG, 2000, p. 68, grifos meus).

Concomitantemente Diderot põe ênfase na experiência como sendo essencial para a apreensão dos objetos, uma vez que, as sensações da vista e do tato estão um para o outro, mantendo uma relação intrínseca. À medida em o que cego recebe o auxílio da visão mesmo com a aparição de

todos os objetos, a partir da experiência adquirida conseguirá distinguir um do outro desde que conceda o tempo necessário para que o olho experimente a luz, depois com certeza, haverá de adquirir os conhecimentos por meio da sensação que devem ser apreendidos pela experimentação dos objetos e a associação de ideias e dos conceitos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela observação dos aspectos analisados, percebe-se a ênfase que Diderot dá aos sentidos, de forma particular a visão e o tato, na qual a visão informa ao tato sobre a existência das coisas exteriores. A dimensão que ele dá a visão é, em suma, muito relevante, porém não desmerece o tato, uma vez que segundo ele, quando bem exercitado favorece a abstração e apreensão do objeto. A importância dos sentidos para a aquisição de conhecimento na filosofia de Diderot é sumamente importante pois busca definir a natureza da visão mediante o auxílio de uma experiência com o cego de nascença.

Pudemos perceber, a partir da análise proposta, que a postura de Diderot ao elencar que “o auxílio que nossos sentidos se prestam mutuamente os impede de aperfeiçoar-se”, ou seja, é um risco possuímos múltiplos sentidos pois eles não nos garantem uma percepção mais apurada e aguçada das coisas. Porém, para a aquisição de conhecimento são indispensáveis, o exercício dos sentidos, pois eles ajudam no aperfeiçoamento de nossos conceitos e ideias a partir sobre meio externo. No entanto, é notório que ele põe ênfase na visão pois afirma, uma vez que, culturalmente, este foi sempre o órgão privilegiado para julgar as coisas ainda não conhecidas e ou ainda não produzidas, a exemplo de um bloco de mármore avaliado por um escultor. Diderot defende a tese de que tanto o tato quanto a visão podem assegurar, de forma independente, a existência e a propriedade dos objetos.

Por fim, a conclusão à qual o filósofo chegou é que, o recém-operado de cataratas terá que reaprender a discernir e organizar as informações visuais sobre o mundo que o cerca para, então, verbalizar o conhecimento. Pois até então tudo se apresentava como confuso a sua mente. A contribuição deste filósofo com relação a sensação e a percepção nas teorias da visão dos séculos XVIII, foi significava para a compreensão do mecanismo sensorial e perceptivo do ser humano em especial a dos cegos.

## REFERÊNCIAS

ADELL, Edna Amaral de Andrade. A questão de Molyneux em Diderot. **Dissertação de Mestrado**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, 115f.

DIDEROT, Denis. Carta sobre os cegos para o uso dos que vêem. In: **Obras I: filosofia e política**. São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 95-150.

\_\_\_\_\_.; D'ALEMBET, Jean L. Discurso preliminar. In: \_\_\_\_\_. **Enciclopédia ou Dicionário Racionado das Ciências, das Artes e dos Ofícios: discurso preliminar e outros textos**. São Paulo, Unesp, 1989, p. 20-109 [Bilíngue].

GUINSBURG, Jacó. Espírito das luzes. In: DIDEROT, Denis. **Obras I: filosofia e política**. São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 47-91.

JÚNIOR, Léo Peruzzo. As antinomias metaéticas entre cegos e não cegos e o problema do realismo moral. **Veritas**, v. 61, n. 1, jan.-abr., 2016, p. 62-74.

LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MACHADO, Isabel Pitta Ribeiro. Leitura comentada da carta sobre os cegos. **Revista Brasileira de Tradução Visual - RBTv**, v. 3, 2010, p. 1-13.

MARTINS, Jasson. *Comentário à Carta sobre os cegos de Diderot*. Vitória da conquista: IFNV, 11.09. 2017, 6f. Texto não publicado.

WILLSON, Arthur McCandless. **Diderot**. São Paulo: Perspectiva, 2012.



João Santos Pires Junior  
<http://lattes.cnpq.br/1431293707924172>